

Caminhos do ecumenismo

Agemir de Carvalho Dias¹

O movimento ecumênico é peculiar ao protestantismo e apenas em um segundo momento procurou englobar o cristianismo no seu todo. Mais recentemente, por inspiração do movimento ecumênico, o diálogo inter-religioso passou ser considerado um passo a mais no diálogo entre as culturas.

A particularização ocorreu com a Reforma Protestante. É de se perguntar se a divisão do cristianismo era algo desejado pelos reformadores ou se neles já encontramos o espírito ecumênico. Na época da Reforma, Lutero e Zwinglio chegaram a conversar, mas não se entenderam no tocante à interpretação da Ceia do Senhor. Mais adiante, Calvino atuou na unificação do movimento reformado na Suíça, inclusive refluindo em posições adotadas anteriormente para que a unidade fosse alcançada. Do reformador genebrino é conhecida a disposição de participar do concílio ecumênico que estava sendo proposto por Thomas Cranmer, arcebispo da Cantuária, para reunir os líderes reformados – concílio que acabou não acontecendo. Escreve Calvino:

No que me toca, se puder ser útil em algo, não me recusarei atravessar dez mares, se for necessário, para atender a esse objetivo. Se oferecer ajuda de um apoio ao rei da Inglaterra fosse o único ponto em discussão, apenas isso já me seria motivo suficiente. Porém, agora – quando se busca é um acordo entre os homens instruídos e um bem estruturado e seriamente considerado acordo segundo o

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor de Teologia da Faculdade Evangélica do Paraná (Fepar), Diretor da Faculdade Teológica Sul Brasileira (Fatesul). Este trabalho faz parte das suas pesquisas sobre Ecumenismo que resultaram na dissertação de Mestrado no programa de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com o título : O Papel Educador do Ecumenismo, orientada pela Prof^a Dr^a Roseli Fischmann.

padrão das escrituras, acordo pelo qual as igrejas, *ao invés de ficarem separadas entre si, possam unir-se* –, não considero ser certo para mim fugir de quaisquer trabalhos ou dificuldades.² (grifo meu)

Nesta carta, escrita para Cranmer, fica bem clara a posição do reformador quanto a sua disposição de promover a unidade da Igreja. Fala-se de Calvino como um homem intransigente, afirmação que nem sempre teve amparo nos seus atos: em diversos momentos, foi ele promotor da unidade e da convergência. Os reformadores são primeiramente contestadores do centralismo da Igreja: eles desejavam a sua reforma e não a divisão. Assim Calvino considerava a falta de unidade das Igrejas:

Temos de contar entre os piores males da nossa época que as igrejas estejam assim separadas umas das outras a ponto de mal existir uma sociedade humana entre nós, e menos ainda essa santa comunhão entre os membros de Cristo, que todos professam de boca, mas bem poucos cultivam sinceramente na realidade.³

As guerras que se seguiram à Reforma criaram um espírito separatista, de desamor e desunião. Quase todas essas guerras tiveram motivações políticas e econômicas com roupagem religiosa e produziram conseqüências drásticas na separação entre protestantes e católicos.

As diversas seitas e correntes do protestantismo dos séculos XVI e XVII encontraram abrigo em solo inglês, não sem contestação e conflito. Houve ali uma multiplicação de seitas, movimentos e igrejas de todas as características: milenaristas, anabatistas, congregacionais, presbiterianos, defensores de uma igreja inglesa, católicos romanos. E houve lutas político-religiosas tendo como pano de fundo uma

² João Calvino, apud, HUGHES, Philip Edgcumbe. “Calvino e a Igreja Anglicana”. In REID, W. Stanford (org.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1990, p.228.

³ João Calvino, Apud, TAVARD, George. *Ecumenismo: História e perspectivas actuais*. Cucujães: Editorial Missões, 1962, p. 19.

diversidade de correntes religiosas lutando pela primazia. A Inglaterra não tinha encontrado ainda uma fórmula semelhante àquela encontrada na Alemanha – a religião do povo é a religião do príncipe – ou aquela encontrada em Genebra – a religião da cidade é escolhida pelo Conselho. A definição ocorreu depois de muitas lutas, depois do regicídio de Carlos I (1649), do governo de Oliver Cromwell e, por fim, depois da restauração da monarquia com Carlos 2.º (1660) e a formalização da Igreja Anglicana como igreja de Estado.

Os demais agrupamentos, por perseguição ou por desilusão, migraram para a América, onde imaginavam construir o seu ideal religioso em liberdade. A América é, desde a sua colonização, um caldeirão religioso. Como o movimento da reforma havia demonstrado, onde há diversas religiões competindo não se encontra paz. O teólogo católico Hans Küng parte dessa hipótese para a construção do que seria uma ética mundial, ou uma ética ecumênica: “Não haverá paz no mundo se não houver diálogo entre as religiões.”⁴

É nesse caldeirão de seitas protestantes que começou a ser desenvolvida uma nova “religião”, que estará na base do movimento ecumênico e terá três características: 1) é uma religião de sentimento, 2) é uma religião missionária, e 3) é uma religião humanitária. Neste sentido, o ecumenismo é uma religião que, em vez de enfatizar as divergências, buscou identificar as convergências, tentou definir o que era essencial no cristianismo de uma forma muito peculiar.

1) Uma religião de sentimento

Nos Estados Unidos, temos o primeiro experimento bem-sucedido de cristianismo pós-europeu⁵. Presbiterianos e congregacionistas deliberadamente procuraram

⁴ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993, p.121.

⁵ JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 512.

estabelecer um Estado eclesiástico: queriam construir uma cidade no alto da colina para servirem de testemunho para o mundo.⁶ Eles não estavam fugindo para o espaço da tolerância e da diversidade, mas para um lugar em que pudessem construir uma civilização cristã.

Diferentemente do que acontecia na Europa, nos Estados Unidos o protestantismo começava sem as disputas que marcaram o Velho Continente. Não estava se construindo na Nova Inglaterra uma “teocracia” como em Genebra: era primeiramente uma sociedade de leigos. “Por volta de 1640 já havia cerca de 15 mil puritanos na Nova Inglaterra. Não tinham ministro, mas eram liderados na vida religiosa por Guilherme Brewster, um leigo experiente e de grande autoridade.”⁷

Esta nova sociedade começava com algumas premissas comuns que eram aceitas quase sem questionamento e serviam de base para um credo comum⁸. Contudo, um Estado assim teria que criar mecanismos em que os dissidentes fossem de alguma forma cerceados, calados ou punidos. Assim aconteceu: surgiram dissidentes como Roger Willians, que fundou Providence, uma cidade em que “cada homem poderia proceder conforme convier à sua consciência, cada qual em nome do seu Deus”.⁹ Providence nasceu como a primeira comunidade que fez da liberdade religiosa a sua razão de existir, assim separando igreja e Estado.

É certo que pouco depois a tentativa de construção de uma sociedade de eleitos se mostrou frágil, principalmente quando começou a haver uma forte migração de ingleses, escoceses e irlandeses, que não tinham passado pela “conversão” e não tinham o mesmo fervor religioso dos pioneiros. O exclusivismo calvinista foi contestado em

⁶ MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984, p.45.

⁷ *Ibid.*, p. 46.

⁸ JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 514.

⁹ Roger Willians, apud, JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 515.

diversos momentos. Em 1699, os mercadores de Boston publicam “um ‘manifesto’ por uma nova igreja, em ‘linhas amplas e católicas’, que conferia *status* pleno a todos os que professassem o credo cristão”.

Nos Estados Unidos, o movimento de secularização derrubou a idéia de uma sociedade total cristã, mas nem por isso a religião deixou de ser a dinâmica da sociedade: o cristianismo se tornou um movimento voluntário, deixando de ser uma estrutura compulsória. Johnson assinala que “essa multiplicidade de estrutura religiosa americana e a continuação do ideal milenarista deram ao revivalismo a oportunidade de funcionar como uma força nacional unificadora”¹⁰.

O reavivamento foi chamado de Grande Despertar e é analisado da seguinte forma por Hobsbawm:

O “despertar religioso” fez muito em prol da propagação das seitas. Assim, o salvacionismo pessoal de John Wesley (1703-1791) e de seus metodistas, intensamente irracionalista e emotivo, deu ímpeto para o renascimento e a expansão da dissidência protestante, pelo menos na Grã-Bretanha.¹¹

Encontramos alguns elementos importantes na análise de Hobsbawm. Primeiramente, o salvacionismo de John Wesley, o fundador do metodismo. O pensamento teológico de Wesley pregava que o homem deveria decidir pela sua salvação – ou, conforme a expressão que se tornou popular, entregar o seu coração a Deus. Tal pensamento se contrapunha ao de Calvino, em que a salvação era um desígnio divino. A argumentação era irracional, utilizando-se como estratégia grandes concentrações em que se faziam apelos emocionais. E se o reavivamento expandiu “a dissidência protestante” na Inglaterra, o mesmo ocorreu também nos Estados Unidos.

¹⁰ JOHNSON. *História do cristianismo*, p.517.

¹¹ HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções: Europa - 1789-1848*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.249.

O primeiro pregador da retomada religiosa nos Estados Unidos foi Jonathan Edwards, em Northampton, Massachusetts. Com grande sucesso, ele pregou o arrependimento e concentrou seus esforços na juventude “farrista” e “libertina” da cidade¹². Para Edwards, a religião não consistia nas fórmulas doutrinárias ou em uma ética.

Portanto, Edwards destacou a centralidade das afeições da genuína experiência religiosa. Conforme ele mesmo afirma, “as Escrituras Sagradas em toda parte colocam a religião mui fortemente nas afeições, tais como temor, esperança, amor, ódio, desejo, alegria, tristeza, gratidão, compaixão e zelo”. Como pondera George Marsden, Edwards defendeu a religião do coração em contraste com os críticos do reavivamento, que ficavam somente com uma religião da cabeça, um cristianismo que limitava-se a crer nas doutrinas certas e observar uma moralidade apropriada.¹³

O movimento ganhou impulso com a chegada daquele que foi o primeiro grande evangelista de renome internacional: George Whitefield. Companheiro de John Wesley no movimento metodista, ele gozava fama de grande pregador.

Jonhson propõe que o Grande Despertar combinava o evangelismo em massa com as idéias iluministas, pois ambos tinham em comum a “desconfiança com relação às idéias doutrinárias, a ênfase na moralidade e na ética, o espírito ecumênico”¹⁴. E assim ele descreve a dimensão do Grande Despertar:

O evangelismo religioso foi a primeira força continental, um fenômeno que envolveu todos os norte-americanos, transcendendo as diferenças coloniais e fazendo as fronteiras entre os estados perderem a importância.

¹² FERNÁNDEZ, Felipe; WILSON, Armesto Derek. *Reforma: O cristianismo e o mundo - 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 252.

¹³ MATTOS, Alderi Souza de. Jonatham Edwards: Teólogo do coração e do intelecto. *Fides Reformata*, Vol. III, n. 1, jan-jun. 1998, pp. 72-87, p.80.

¹⁴ JOHNSON. *História do cristianismo*, p. 518.

Whitefield foi a primeira figura pública a ser bem conhecida entre New Hampshire e a Geórgia, e sua morte, em 1770, foi objeto de comentários por parte de toda a imprensa colonial. Assim o ecumenismo precedeu e moldou a unidade política. Além disso, ao cruzar, de muitas formas, as barreiras religiosas sectárias, assim como cruzara as dos estados coloniais, ajudou a trazer à luz a verdadeira ética da Independência. Tal ética poderia ser denominada de consenso protestante – o conjunto de crenças, padrões e atitudes que a maioria dos norte-americanos tinha em comum.¹⁵

A contribuição do movimento avivalista foi no sentido de formar uma religiosidade menos preocupada com as disputas doutrinárias e mais com aquilo que seria o essencial na vida cristã. John Wesley criou uma religiosidade que superava o pessimismo calvinista com relação ao homem, possibilitando-lhe tomar uma decisão por se converter, levando uma vida “santa”, caracterizada pela abstenção de bebidas alcoólicas, jogos e divertimentos, e voltada para o trabalho, com uma atuação diligente na vida da igreja. O ideal religioso pregado pelos metodistas se tornou comum entre as igrejas. O que importava era a vida santa e o ardor missionário, mais do que as diferenças doutrinárias. Todas as demais igrejas sofreram influência do pensamento de Wesley, criando assim uma religiosidade que perpassava as barreiras denominacionais.

Uma das conseqüências do Grande Despertar foi um sentimento religioso comum nos Estados Unidos. Conforme John Wesley: “se o teu coração é igual ao meu, dá-me a mão e meu irmão serás”.

A influência desse movimento se deu em várias partes do mundo. A Inglaterra estava se constituindo na maior potência econômica até então conhecida e a formação desse império se fez acompanhar da expansão da Igreja Anglicana e também de grupos dissidentes que tinham nos metodistas

¹⁵ Ibid., p. 520.

¹⁶ HOBSBAWM, Eric; RUDÉ, George. *Capitão Swing: A expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p.276.

os seus quadros mais dinâmicos. Muitos metodistas que se envolveram nas lutas sociais na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX foram deportados para as colônias, principalmente para a Austrália e a Nova Zelândia.¹⁶

Na Europa continental, a religião do sentimento teve sua expressão no movimento pietista. John Wesley testemunhou que sua “conversão” se deu por influência dos irmãos morávios. O pietismo surgiu na Alemanha com Felipe Jacó Spener (1635-1705), que, em sua obra principal, *Pia Desideria*, “traça um quadro severo dos males da sociedade leiga e sacerdotal e indica o remédio em seis ‘desejos pios’”.¹⁷

O pietismo, como o avivalismo, não pretendeu formar uma igreja ou religião, mas penetrou nas diversas igrejas como um movimento, por meio de sua ênfase numa religião do coração e do sentimento. O movimento pietista surgiu como uma reação tanto ao crescente racionalismo na teologia como à secularização. Os pietistas utilizaram o método de formar “conventículos” dentro da própria armação das denominações existentes. Como monges modernos, insistiam em serem reconhecidos pelo seu modo “diferente” de se comportarem em relação aos outros, e no aprimoramento do “homem interior”.

Entre as comunidades pietistas, reveste-se de importância a do conde Zinzendorf, em Herrnhut, na Moravia, onde só eram admitidos os que tiveram uma experiência de conversão. Como a experiência religiosa proposta pelos pietistas era algo individual, do coração, o pietismo ficou associado ao individualismo e ao subjetivismo. Zinzendorf propôs a unidade dos protestantes pela via da missão, em vez de se procurar o consenso doutrinário, pois para os pietistas os dogmas e as instituições eclesásticas não tinham muita importância. Quando começaram a se espalhar pelo mundo em diversas missões, os irmãos morávios pregavam de todo e qualquer púlpito que lhes fosse oferecido e, com suas escolas e faculdades, influenciaram gerações inteiras de jovens americanos. Na Universidade

¹⁷ MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984, p.69.

de Halle, com August Francke, o movimento adquiriu importância e relevo.

Sem contar ainda 30 anos, ao assumir a cátedra de línguas orientais (mais tarde tornando-se professor de teologia), em 1692, Francke mostrou que era um dos grandes visionários cristãos, além de um formidável organizador. Criou um sistema de educação proporcionada pelo Estado que girava em torno do ensinamento pietista sobre conversão e do cultivo da vida interior. Demonstrou, em uma variedade extraordinária de formas, como aquela vida devia ser manifesta a serviço do mundo. Transformou a gráfica de Halle em uma das mais ativas da Europa, publicando aos borbotões Bíblias, livretos de orações e obras teológicas em diversos idiomas. Fundou uma sociedade missionária que enviava obreiros para a Índia. Fundou também um instituto de estudos bíblicos, escolas, faculdades para formação de professores e um dispensário. Seu orfanato tinha três mil vagas, e era de longe a maior dessas instituições na Europa. E para financiar esses dispendiosos serviços sociais e caritativos, Francke montou empresas de comércio exterior que enviavam representantes à Hungria, Rússia, Itália e até à Ásia.¹⁸

Podemos caracterizar o pietismo como uma religião baseada na conversão individual, em um comportamento ético e moral prático, e com ênfase numa ação missionária. Em seus aspectos ideológicos, o pietismo abrangia o individualismo, a liberdade, a democracia, o trabalho, o êxito e o progresso. É na América do Norte que esses ideais religiosos iriam se constituir em uma verdadeira religião civil que permeava todas as denominações cristãs.

2) Uma religião missionária

O movimento missionário moderno se tornou o grande impulsionador do diálogo entre as igrejas protestantes. No princípio, o protestantismo não se preocupou com a pregação

¹⁸ FERNÁNDEZ, Felipe; WILSON, Armesto Derek. *Reforma: O cristianismo e o mundo - 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 82.

do Evangelho entre outros povos: o seu objetivo primeiro foi a reforma da igreja.

Na expansão do cristianismo, a cena era dominada pelas missões católicas, que procuraram evangelizar as novas terras que estavam sendo descobertas e conquistadas, pelos países ibéricos principalmente. Em meados do século XVII, começaram as missões protestantes.

Dois empecilhos principais tiveram de ser superados pelas missões: a) o divisionismo denominacional, que atrapalhava a pregação do Evangelho e trazia conflitos e confusões; b) o custo da obra missionária, que apelava para uma conjugação de esforços entre as diversas denominações protestantes para que se pudessem viabilizar o envio e o sustento da obra missionária. Some-se a isso o surgimento do imperialismo moderno, que, partindo da Europa primeiramente e depois dos Estados Unidos, procurou conquistar novos mercados.

Os irmãos morávios estiveram entre os primeiros a enviar missionários para diversas partes do mundo. Em 1705, atendendo à convocação do rei Frederico IV, os pietistas de Halle enviaram missionários para a colônia dinamarquesa de Tranquebar. Esta missão estabeleceu o padrão missionário protestante copiado pelas diversas sociedades missionárias constituídas posteriormente. A estratégia típica consistia no estabelecimento de uma igreja, uma escola missionária, um ambulatório, a tradução dos Evangelhos ou de toda a Bíblia na língua nativa, ênfase na conversão de indivíduos e, se possível, o treinamento de clérigos nativos. Os missionários alemães enviados a Tranquebar foram Bartholomaeus Ziegenbalge e Heinrich Plutschau. E Hobsbawm analisa o crescimento das missões protestantes da seguinte forma:

Em termos puramente numéricos, é evidente que todas as religiões, a menos que estivessem em decadência, tinham a possibilidade de se expandir com o aumento da população. Ainda assim, duas delas demonstraram uma particular aptidão para o expansionismo em nosso período: o islamismo e as seitas protestantes. Este expansionismo foi ainda mais surpreendente se contrastado com o marcante

fracasso de outras religiões cristãs – a católica e algumas modalidades protestantes – para se expandirem, a despeito do violento aumento das atividades missionárias fora da Europa, crescentemente respaldadas pela força econômica, política e militar da penetração européia. De fato as décadas napoleônicas e revolucionárias viram o início da sistemática atividade missionária protestante executada em sua maior parte pelos anglo-saxônicos.¹⁹

Três fenômenos são observados por Hobsbawm: a) o aumento da população como um fator que por si mesmo já seria suficiente para a expansão religiosa; b) o protestantismo cresceu não somente pelo aumento da população mas também por um fenômeno novo que foi o movimento missionário moderno, que teve sua força impulsionadora no movimento pietista – as igrejas que não sofreram a influência do pietismo não desenvolveram ações missionárias; c) o movimento missionário esteve intimamente ligado ao crescimento do imperialismo inglês e depois ao imperialismo norte-americano.

Continuando sua análise, Hobsbawm enumera o surgimento das diversas sociedades missionárias:

A sociedade missionária Batista (1792), a Sociedade Missionária de Londres (1795), a evangélica Sociedade Missionária das Igrejas (1799), e a Sociedade Bíblica Estrangeira e Britânica (1804) foram seguidas pela Associação Americana de Encarregados para Missões Estrangeiras (1810), pelos Batistas Americanos (1814), pelos Wesleyanos (1813-18), pela Sociedade Bíblica Americana (1816), pela Igreja Escocesa (1824), pelos Presbiterianos Unidos (1835), pelos Metodistas Americanos (1819) e por outros tipos de organizações. Na Europa continental apesar de um certo pioneirismo iniciado pela Sociedade Missionária dos Países Baixos (1797) e pelos Missionários da Baviera as atividades dos protestantes se desenvolveu um pouco mais tarde: as sociedades de Berlim e da região do Reno, na década de 1820, as sociedades suecas de Leipzig e de Bremen, na década de 1830 e a norueguesa, em 1842.²⁰

¹⁹ HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções: Europa - 1789-1848*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.244.

²⁰ *Ibid.*, p. 245.

Em um prazo relativamente curto – 60 anos –, foram criadas diversas sociedades que enviaram missionários para quase todas as partes do mundo. E o movimento não foi apenas externo: nos próprios países que enviavam pregadores também foram realizadas campanhas missionárias.

A cristianização da América foi, de certo modo, obra de recuperação, de construção de apriscos para ovelhas fugidas para o oeste. Apenas 6,9% dos cidadãos americanos estavam registrados como membros de igrejas em 1800. Os números subiram para 15,5% em 1850 e 43,5 em 1910, só passando de 50% em 1942.²¹

As missões protestantes em direção à América Latina foram um esforço principalmente das igrejas norte-americanas. A Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos foi uma das primeiras a mandar missionários para a América Latina: em 1856, eles foram enviados a Bogotá.

*A partir del fin de la Guerra Civil estas sociedades misioneras surgidas del gran avivamiento de principios del siglo 19 consideraron a América Latina como uno de sus campos de acción. Las tres más grandes denominaciones (Metodistas, Bautistas y Presbiterianos) que dominaban el panorama religioso norteamericano establecieron bases en todo el continente a partir de 1865. Llegaron divididos entre nortños e sureños, división que además de ser política e geográfica, también era religiosa. Los del norte llevaron a América Latina toda a imagen del progreso y de la modernidad; los del sur fueron portavoces del fundamentalismo y de la no intervención en asuntos políticos. Otros grupos religiosos menores de origen norteamericano lanzaron también misioneros hacia América Latina durante la década de los 1870, como por ejemplo lo Cuáqueros, la Iglesia protestante Episcopal, los Presbiterianos Reformados Asociados y la Iglesia Congregacional.*²²

O método missionário utilizado pelos pietistas na missão de Tranquebar foi reproduzido em quase todos os

²¹ FERNÁNDEZ, Felipe; WILSON, Armesto Derek. *Reforma: O cristianismo e o mundo – 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 265.

²² BASTIAN, Jean Pierre. *Breve historia del Protestantismo en América Latina*. Cidade do México: Casa Unida de Publicaciones, 1986, p.99.

campos missionários. As missões cristãs levaram, além de igrejas, outros serviços: escolas, hospitais e, em muitos casos, a própria alfabetização.

Um dos serviços mais significativos do trabalho missionário foi realizado pelas sociedades bíblicas. A Sociedade Bíblica Britânica foi criada em 1804, com o objetivo incentivar a mais ampla circulação das Sagradas Escrituras. A ambição era colocar um exemplar da Bíblia na mão de cada ser humano alfabetizado, tendo como meta o impensável para os grandes tradutores da Bíblia – Jerônimo, Wycliffe, Erasmo e outros que haviam lutado pela Bíblia acessível, na mão do povo. Quase 200 anos depois, a Bíblia já foi traduzida para 2.261 línguas e está sendo vertida para cerca de outras 685. Atualmente, existem 137 sociedades bíblicas atuando em mais de 200 países e integrando as Sociedades Bíblicas Unidas, instituição fundada em 1942 (www.sbb.org.br).

Ao mesmo tempo em que levou o cristianismo a lugares que até então ele não havia alcançado, a expansão missionária também levou as suas contradições: foi nos campos missionários que a divisão do cristianismo se mostrou de fato escandalosa. Os líderes de diversas sociedades missionárias temiam que as rivalidades entre os seus enviados dificultassem o avanço do cristianismo. Apesar de todo o esforço empreendido, um século depois de iniciadas as atividades missionárias ainda eram pequenos os resultados. Assim, algumas conferências missionárias aconteceram nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha houve uma série de conferências missionárias: Em Nova York e em Londres em 1854, em Liverpool em 1860, de novo em Londres em 1878 e 1888, e por fim em Nova York em 1900. Esta última foi chamada Conferência Ecumênica Missionária, usando ainda o termo *ecumênico* no seu sentido original de incluir “toda terra habitada”, ou seja, de ser uma conferência mundial. Pouco a pouco esse termo chegaria a ser usado pra se referir ao movimento de colaboração e unidade entre os cristãos.²³

²³ GONZALES, Justo L. *A era dos novos horizontes. Uma história ilustrada do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 208.

As conferências missionárias possibilitaram proximidade e diálogo entre as diversas igrejas cristãs, que, no empenho da causa maior da expansão do Evangelho, começaram um frutífero esforço de cooperação. Personagem importante nesse esforço foi John Mott, detentor do Prêmio Nobel da Paz. Em 1910, ele ajudou a organizar e presidiu a Conferência Missionária Mundial, que se realizou em Edimburgo e é considerada um marco no movimento ecumênico moderno. Mott cunhou a expressão “evangelizar o mundo em uma geração”.

Como resultado da Conferência Missionária de Edimburgo, foi criado o Concílio Missionário Internacional, com o objetivo de continuar o trabalho de coordenação por meio de periódicos, trabalhos ocasionais e conferências. Essa organização contribuiu para desenvolvimento do ecumenismo e para a formação do Conselho Mundial de Igrejas. Contudo, só veio a ser incorporada em 1961, na 3.^a Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, celebrada em Nova Délhi. Longuini Neto faz o seguinte levantamento das conferências missionárias:

Em 1921, na cidade de Lake Mohonk, (Estados Unidos), fundou-se o Concílio Missionário Internacional (Comin), que foi o responsável por convocar e realizar as demais conferências: Jerusalém (1928); Tambaram (1938); Whitby (1947); Willingen (1952); Achimota (1958); e Nova Délhi (1961). O Concílio Missionário Internacional, em sua reunião de 1961, em Nova Délhi, incorporou-se ao CMI, ocasião em que foi criada a Divisão (mais tarde Comissão) de Missão e Evangelismo do CMI. Foi esta quem convocou e realizou as Conferências Mundiais de Missão e Evangelização que se seguiram: México (1963); Bangcoc (1972); Melbourne (1980); San Antonio (1989), e Salvador (1996).²⁴

Certamente, o conceito de missão foi mudando com o tempo. As missões pensavam em conquistar ou salvar almas,

²⁴ LONGUINI NETO, Luiz. *Missão das Igrejas, missão de Deus*. Disponível em www.stbsb.org.br/Telas/Revista/200001singLong.html, acesso em 15 de janeiro de 2005.

ou então expandir as suas denominações ou igrejas. Posteriormente, as preocupações sociais começaram a fazer parte, à medida que as missões cresciam nos países do Terceiro Mundo. Há até bem pouco tempo, o movimento missionário acontecia na direção norte-sul, pois eram os países da Europa ou os Estados Unidos que enviavam missionários. Agora, nota-se um fluxo contrário acontecendo à medida que as igrejas dos países em desenvolvimento vão crescendo e se fortalecendo.

3) Uma religião humanitária

O sentimento humanitário permeia a história do cristianismo. A idéia do amor de Deus pelo homem tem acompanhado a ação de diversos cristãos, e tem sido o suporte para altos ideais de resgate da condição do homem.

O reformador Calvino foi um homem preocupado com as questões sociais e humanitárias. Nascimento Filho expressa essa preocupação desta maneira:

Em um sentido, ele era apenas um dos muitos refugiados que viviam em Genebra com seus olhos em sua terra natal, esperando que algum dia toda a França fosse evangelizada e que a religião reformada pudesse prosperar livremente. Esperando esse dia, ele e seus amigos acolhiam a contínua corrente de protestantes refugiados das áreas dominadas pelo catolicismo romano, oferecendo-lhes comida e abrigo em Genebra. Foi característico da reforma calvinista que esta hospitalidade deveria ser institucionalizada como fundo de assistência social conhecida como Bolsa Francesa ou Fundo Francês para Estrangeiros Pobres, destinado àqueles que chegavam a Genebra para viver conforme as reformas da Palavra.²⁵

Além da questão dos refugiados, Calvino se preocupou com a educação, fundando a Academia que mais tarde se tornou a Universidade de Genebra, e insistiu na obrigatoriedade da

²⁵ NASCIMENTO FILHO, Antônio José. *O papel da ação social na evangelização e missão na América Latina: Uma visão contemporânea*. Campinas: LPC, 1999, p.65.

educação primária. Antes mesmo da chegada de Calvino, a Reforma já havia trazido para a cidade a assistência aos enfermos, aos pobres, aos órfãos e aos idosos. Mas para o reformador de Genebra as obras piedosas deveriam ser realizadas pela ordem dos diáconos, que ele instituiu nas ordenanças de 1541. Estas ordenanças estabeleciam duas espécies de diáconos, com funções distintas: o primeiro deve “receber, dispensar e conservar os bens dos pobres, tanto esmolas diárias quanto posses, rendimentos e pensões”, enquanto o segundo deve “tratar e pensar os doentes e administrar a porção dos pobres”.²⁶

Para Calvino, a ação social ou humanitária é um dos ministérios da igreja. O fato novo do período dos Grandes Despertamentos é justamente a ação social, ou o envolvimento em causas humanitárias, ter deixado de ser patrocinada pelas igrejas e começar a ser desenvolvida por associações diversas, criadas por cristãos com os mais diversos fins e com caráter interdenominacional.

No século XIX, os evangélicos reuniram-se com crescente prontidão em organismos inter-religiosos, tais como a ACM, as organizações de defesa da temperança, as uniões universitárias cristãs, as aulas bíblicas dos cruzados, as associações escolares e as sociedades para missões domésticas e no exterior, onde anglicanos, batistas, metodistas, presbiterianos, congregacionalistas e membros das igrejas independentes buscavam atingir objetivos específicos. Esses organismos aceitavam apenas cristãos “baseados na Bíblia”, adeptos de princípios evangélicos conservadores. Contudo, eram genuinamente ecumênicos porque, assim como atraíam membros de um universo religioso mais amplo, aceitavam pessoas com diferenças doutrinárias básicas.²⁷

Um dos primeiros conjuntos de ações a permear todas as denominações protestantes norte-americanas, sendo

²⁶ BIÉLER, 1990, p. 222. BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 222.

²⁷ FERNÁNDEZ, Felipe; WILSON, Armesto Derek. *Reforma: O cristianismo e o mundo - 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 352.

inclusive motivo de divisão, mas também ajudando na formação de sociedades em defesa de uma causa nobre, foi o movimento pela libertação dos escravos. A escravidão foi proibida na Inglaterra em 1772. Em 1780, por influência dos quacres, foi proibida na Pensilvânia. Essas proibições fizeram com que as igrejas fossem se posicionando com relação ao assunto.

Em 1776, os quacres expulsaram do seu meio os que insistiam em ter escravos, os metodistas o fizeram em 1784, e em 1818 os presbiterianos declararam que a escravidão era contrária a lei de Deus, mas na mesma Assembléia se posicionaram contra a abolição²⁸. A ambigüidade dos presbiterianos era a mesma que se encontrava nas mais diversas denominações. Este foi um dos motivos de os abolicionistas optarem pela formação de sociedades. A primeira foi fundada em 1817, com o propósito de arrecadar fundos para a compra de escravos a fim de libertá-los e devolvê-los ao continente africano. A formação da Libéria, na África, foi o resultado desse esforço. As sociedades abolicionistas se multiplicaram e pressionaram as diversas igrejas. Por fim, depois da Guerra Civil, o cisma já havia se instalado na maioria das denominações cristãs: igrejas do Sul que tinham apoiado o escravismo, igrejas do Norte que tinham se posicionado pela abolição dos escravos. Nas igrejas do Sul se deu um outro fato: o segregacionismo, com a formação de igrejas de brancos e igrejas de negros.

O movimento abolicionista estabeleceu um novo tipo de organização, uma sociedade de cristãos, voluntários, não denominacional, que luta por uma causa específica. Estas sociedades não se constituíam como denominações, mas atuavam junto a todas elas. Hobsbawm analisa esse fenômeno da seguinte forma:

Suas energias “políticas”, em geral, eram dirigidas para as campanhas morais e religiosas, como as que multiplicaram

²⁸ GONZALES, Justo L. *A era dos novos horizontes. Uma história ilustrada do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 38.

as missões estrangeiras, o antiescravagismo e as agitações em prol da moderação dos costumes.²⁹

Em Londres, no ano de 1844, um jovem de 23 anos chamado George Willians, fundou uma dessas associações, chamada de Associação Cristã de Moços (ACM, ou YMCA na sigla em inglês), que tinha como objetivo dar aos moços um novo estilo de vida, mostrando-lhes a necessidade de cultivar a vida espiritual. O intento de Willians estava de acordo com os objetivos de qualquer igreja cristã, mas havia entre os leigos um sentimento de que a igreja era incapaz de levar a termo a sua missão. A YMCA se tornou a primeira associação reconhecida pela Unesco como organização não-governamental. Conta hoje com 14 mil filiais, espalhadas por 130 países, e 30 milhões de associados (www.acm-rs.com.br). Dois dos seus dirigentes receberam o Prêmio Nobel da Paz: Henri Dunant (1901), fundador da Cruz Vermelha, e John Mott (1946).

John Mott organizou movimentos estudantis cristãos em várias partes do mundo, utilizando para isso a estrutura das ACMs. Em 1895, ele fundou a World Students Christian Federation (Federação Mundial dos Movimentos Estudantis Cristãos – Fumec). A Fumec ajudou a organizar movimentos estudantis em várias partes do mundo.

Também na Inglaterra nasceu o Exército da Salvação. Os efeitos sociais da revolução industrial foram devastadores, as populações foram desalojadas do campo e, empobrecidas, migraram para os grandes centros industriais urbanos, vivendo em uma extrema miséria. Engels descreveu a situação dos trabalhadores na rica Manchester do século 19:

As grandes cidades são principalmente habitadas por trabalhadores, visto que, no melhor dos casos, há um burguês para cada dois, freqüentemente para três, aqui e ali quatro trabalhadores. Estes trabalhadores não têm absolutamente nenhuma propriedade e vivem do salário,

²⁹ HOBSBAWM, E. J. *A era das revoluções: Europa - 1789-1848*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.249.

que quase sempre passa da mão para a boca; a sociedade, dissolvida em simples átomos, não se preocupa com eles, deixa-os manter-se a si mesmos e suas famílias, e, além disso, não lhes fornece os meios necessários para fazê-lo de um modo permanente e eficiente. Cada trabalhador, até o melhor, é por isso constantemente exposto à possibilidade de perder o emprego e o pão, isto é, a morrer de fome, e muitos sucumbem.³⁰

É nessa situação descrita por Engels que Willian Booth e sua esposa Catherine iniciarão um movimento em moldes militares, com o objetivo de atender aos miseráveis. O Exército da Salvação atua em diversas causas sociais, movido pelo espírito dos seus fundadores:

Enquanto mulheres chorarem... eu lutarei. Enquanto crianças passarem fome... eu lutarei. Enquanto homens passarem pelas prisões... eu lutarei. Enquanto restar uma alma que esteja nas trevas, sem a luz de Deus, eu lutarei. Eu lutarei até o fim!"³¹

Um outro importante movimento de leigos foi o das escolas dominicais. Essa iniciativa que reúne milhões de pessoas no mundo inteiro teve início em 1780, em Gloucester, sul da Inglaterra, quando o jornalista Robert Raikes, utilizando o seu único dia de folga, o domingo, iniciou um trabalho de educação com crianças pobres. No princípio, o currículo abrangia a alfabetização, a matemática, a leitura e o ensino da Bíblia. Nos Estados Unidos, o movimento criado por Raikes passou a objetivar apenas o ensino da Bíblia e se espalhou entre as diversas denominações. Em 1790, na Filadélfia, foi formada a primeira união das escolas dominicais dos Estados Unidos. Em 1907, foi formada a Associação Mundial de Escolas Dominicais, que em 1971 se integrou ao Conselho Mundial de Igrejas.

³⁰ ENGELS, F. "Manchester". In FERNANDES, Florestan (org.). *Marx/Engels: História*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984, p.317.

³¹William Booth, Disponível em <http://www.salvos.org.br/mambo/index.php?option=content&task=view&id=2&Itemid=25>, acesso em 15/01/2005.

Ajudou na construção dessa consciência humanitária o pensamento teológico do pastor batista Walter Rauschembush . Ele foi professor de história eclesiástica em Rochester, Nova York. O evangelho social de Rauschembush fazia uma crítica do capitalismo e pregava a necessidade de se estabelecer o reino de Deus.

Todos esses movimentos tiveram algumas características que permearam todas as denominações evangélicas. Foram formados principalmente por leigos e por eles foram administrados. Não tendo preocupações doutrinárias, os movimentos utilizavam a força do voluntariado e objetivavam a uma ação humanitária.

Conclusão

Os elementos para se vivenciar o ecumenismo não são fatos dados, eles são construídos. E a construção se dá no serviço a “Deus e aos homens”, e para servir, o novo homem precisa ser abnegado, humilde, manso e generoso.

Concordamos com Hans Küng de que a perspectiva ecumênica é essencial para a construção da paz. E o processo histórico que constituiu o movimento ecumênico caminhou nesse sentido, é de se notar que alguns dos principais líderes ecumênicos ganharam o Prêmio Nobel da Paz. O ecumenismo é uma escola de educação para a paz, pois o mesmo se constrói sobre a alteridade.

O movimento ecumênico trouxe uma importante colaboração no sentido da construção da paz e da unidade entre os homens. O processo didático que ocorreu na vida das igrejas e que nesses quatro séculos de história acabou estabelecendo uma nova dimensão do ser humano em sociedade: a dimensão da tolerância e do diálogo. Pode-se afirmar que o movimento ecumênico é um grande instrumento no sentido da formação de uma nova sociedade.

A construção do diálogo não começa com a negação ou a relativização da verdade, mas começa com o sentimento comum de que os homens vivem na mesma casa (oikoumene) e por isso precisam ouvir uns aos outros, o movimento ecumênico é nesse sentido uma nova

espiritualidade, não nega a verdade ou os dogmas , mas é uma espiritualidade do ouvir, do diálogo da tolerância. No dizer de Roseli Fischmann:³²

O sentido de educar para a tolerância e de praticar a tolerância está também aí: conhecer o outro, todos os outros, que vivem de forma distinta daquela que conhecemos. Apenas o conhecimento pode levar à superação do medo que gera preconceito e discriminação. Por isso o sentido da tolerância é o da valorização da diversidade humana e o da busca de viver com o outro de forma respeitosa, saudável, pautando a resolução de problemas e desacordos pela via do diálogo.

³² FISCHMANN, R. Educação, direitos humanos, tolerância e paz. **Cadernos de Psicologia e Educação**, v.11, 2001, pp. 67-77. São Paulo, p.70.

Referências

- ABUMANSSUR, Edin Sued. *A tribo ecumênica: Um estudo do ecumenismo no Brasil nos anos 60 e 70*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.
- _____. Ecumenismo, Protestantismo e cidadania: Uma chave de leitura sobre a unidade das igrejas. *Revista APG*, ano VIII, n. 19, 1999. São Paulo.
- ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.
- _____. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- _____. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulus, 1999.
- _____. Su cadáver estava lleno de mundo. *Tempo e Presença*, ano 24, n. 326, nov/dez. 2002.
- AMARAL, Epaminondas M. *Religião integral*. São Paulo: União Cultural Editora, s/d.
- _____. *Magno problema*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1934.
- ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro: Iser, 1985.
- BASTIAN, Jean Pierre. *Breve história do Protestantismo em América Latina*. Cidade do México: Casa Unida de Publicaciones, 1986.
- BAUMGARTL, Otto Johann V. Nep. *Utopia social: O pensamento utópico de Ernest Bloch no espelho da realidade latino-americana*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.
- BETTENSON, H. (Ed.). *Documentos da igreja cristã*. 3. ed. São Paulo: Aste, 1998.
- BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Por uma eclesiologia militante: Isal como nascedouro de uma nova eclesiologia para a América Latina*. Dissertação de mestrado. Instituto Metodista de Ensino Superior, 1988.
- BRAGA, Erasmo. *Religião e cultura*. São Paulo: União cultural Editora, 1944.
- CALLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. São Paulo: Ática, 1981.
- CÉSAR, Waldo. *Um ecumenismo voltado para o mundo: Esboço para uma história do ecumenismo no Brasil*. *Contexto Pastoral*, 5 (26), mai/jun.1995, pp. 3-4. Rio de Janeiro.
- _____. *O contexto ecumênico no Brasil*. Inédito.
- _____ (org.). *Conferência do Nordeste*. Rio de Janeiro: Editora Loqui, 1962.
- CONDE, Emilio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1960.
- COSTA, Esdras Borges. *Protestantism, modernization and cultural change in Brazil*. Tese de doutorado. Universidade da Califórnia em Berkeley, 1979.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *Crise, esquecimento e memória: O Centro de Documentação e Informação e a construção da identidade do protestantismo*

- brasileiro. Dissertação de mestrado. Universidade do Rio de Janeiro, 1997.
- DIAS, Zwinglio M. *Reflexões em torno da questão da pastoral protestante: Evangelho e ideologia – Uma mistura não premeditada*. Não publicado.
- _____. *Movimento ecumênico na América Latina. Tempo e Presença*, n. 235, out. 1988.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo. Paulinas, 1989.
- ENGELS, F. “Manchester”. In FERNANDES, Florestan (org.). *Marx/Engels: História*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.
- FERNANDES, Florestan (org.). *Marx/Engels: História*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.
- FERNÁNDEZ, Felipe; WILSON, Armesto Derek. *Reforma: O cristianismo e o mundo – 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- FERREIRA, Júlio A. *Galeria evangélica*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1952.
- _____. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.
- _____. *Profeta da unidade: Erasmo Braga – Uma vida a descoberto*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Tempo e Presença, 1975.
- _____ (org.). *Antologia teológica*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003.
- FISCHMANN, R. Educação, direitos humanos, tolerância e paz. *Cadernos de Psicologia e Educação*, v.11, 2001, pp. 67-77. São Paulo.
- _____. “Educação, democracia e a questão dos valores culturais” in Kabengele Munanga (org.) *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996.
- _____. “Estratégias de superação da discriminação étnica e religiosa no Brasil” in Paulo Sérgio Pinheiro; Samuel Pinheiro Guimarães (orgs.) *Direitos Humanos no Século XXI*. São Paulo: MRE/IPRI, 1998.
- FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GONZALES, Justo L. *A era dos novos horizontes. Uma história ilustrada do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- GUTIÉRREZ, Benjamin F.; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). *Na força do Espírito: Os pentecostais na América Latina*. São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996.
- HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: Aste, 1989.
- HILL, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a revolução inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HOBSBAWM, E. J. *A era das revoluções: Europa – 1789-1848*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

- _____. RUDÉ, George. *Capitão Swing: A expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- HOOFT, W.A. Visser't. *Cristianismo e outras religiões*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1963.
- HUGHES, Philip Edgcumbe. "Calvino e a Igreja Anglicana" in REID, W. Stanford (org.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- _____. *Teologia a caminho: Fundamentação para o diálogo ecumênico*. São Paulo, Paulinas, 1999.
- LEONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: Aste, 1963.
- LESSA, Vicente Themudo. *Annaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Edição da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, 1938.
- LONGUINI NETO, Luiz. *Educação teológica contextualizada: Análise e interpretação da presença da Aste no Brasil*. São Paulo: Aste, 1991.
- _____. *O novo rosto da missão: Os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002.
- MALINOWSKI, B. *Antropologia*. São Paulo, Ática, 1986.
- MATTOS, Alderi Souza de. Jonatham Ewards: Teólogo do coração e do intelecto. *Fides Reformata*, Vol. III, n. 1, jan-jun. 1998, pp. 72-87.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- _____. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: O campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo, 1997.
- _____.; VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola/Ciências da Religião, 2002.
- _____. A IPI do Brasil e o Movimento Ecumênico. *Caderno de O Estandarte*, jan. 2003. São Paulo.
- NASCIMENTO FILHO, Antônio José. *O papel da ação social na evangelização e missão na América Latina: Uma visão contemporânea*. Campinas: LPC, 1999.
- NAVARRO, Juan Bosch. *Dicionário de ecumenismo*. Aparecida: Santuário, 2002.
- NIEBUHR, Richard H. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: Aste, 1992.
- NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus: Pentecostais, trabalhadores e cidadania*. São Paulo: Marco Zero, 1985.
- PIAZZA, Waldomiro O. *Introdução à fenomenologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- PRESISWERK, Matthias. *Educación popular y teología de la liberación*. San José da Costa Rica: DEI, 1994.
- READ, Willian R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas: Livraria Cristã Unida, 1967.
- REID, W. Stanford (org.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São

- Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1984.
- RICHARD, Pablo. *Morte das cristandades e nascimento da Igreja: Análise histórica e interpretação teológica da Igreja na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- RIBEIRO, Domingos. *Origens do evangelismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Apollo, 1937.
- RIBEIRO, Boanerges. *A Igreja Presbiteriana do Brasil da autonomia ao cisma*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1987.
- SANTA ANA, Júlio. *Ecumenismo e libertação: Reflexões sobre a relação entre a unidade crista e o reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SHAULL, Richard. *De dentro do furacão*. Rio de Janeiro: Cedi, 1985.
- _____. *A reforma protestante e a teologia da libertação*. São Paulo: Livraria e Editora Pendão Real, 1993.
- _____.; CESAR, Waldo. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: Promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- STRECK, Danilo R. (org.) *Educação e igrejas no Brasil: Um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, 1995.
- TAVARD, George. *Ecumenismo: História e perspectivas actuais*. Cucujães: Editorial Missões, 1962.
- TILICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1984.
- VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1983.
- WOLFF, Elias. *O ecumenismo no Brasil: Uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 1999.

Caminhos do ecumenismo

Agemir de Carvalho Dias

Resumo: O objetivo deste trabalho é demonstrar que na origem do movimento ecumênico temos diversas transformações que ocorreram no protestantismo e que produziram uma nova elaboração religiosa com características próprias que levou a uma busca da unidade entre os protestantes com repercussão em vários aspectos da vida da sociedade moderna.

Palavras-chave: Movimento Ecumênico, Protestantismo, Ecumenismo, Igrejas, Missões, Movimento Social.

Abstract: This paper aims to show the transformation variety presence in ecumenical movement beginning which occurred in Protestantism and produced an original religious approach. This approach contains self characteristics that led to the protestants unity search and transformed several life aspects of modern society.

Key words: Ecumenical movement, Protestantism, Ecumenism, Churches, Missions, Social Movement .

Artigo recebido para análise em 01/05/2005

Artigo aprovado para publicação em 11/08/2005